

Este número de *Percurso* não teve um tema pré-determinado, como alguns dos anteriores. Diversos artigos, no entanto, focalizam questões suscitadas pela clínica, o que acaba por fazê-los dialogarem uns com os outros e confere ao conjunto uma tendência que, embora revelada a nós mesmos somente no *après coup*, não é por isso menos visível.

Alguns textos, como os de Radmila Zygouris e Beatriz Assis Pereira, narram momentos da experiência analítica, do lado do analista ou - o que é menos freqüente - do lado do paciente. Outros, como os de Miriam Chnaiderman, Izabel Rios e Luis Claudio Figueiredo, destacam proposições mais gerais sobre o processo terapêutico, escorando-se na prática e nas leituras de seus autores. Outros ainda, como os de Marlene Guirado e Luís Celes, combinam o relato de fragmentos clínicos com a construção de uma hipótese acerca dos fatores constantes no gênero de fenômenos que abordam, Marlene a partir de um caso atendido por ela, Celes a partir do Caso Schreber.

Um aspecto chama a atenção nestes trabalhos: a presença, no horizonte do autor-psicanalista, da cultura em seu sentido amplo. Filosofia, artes plásticas, teatro, meios de comunicação, cinema, etnologia, medicina, compõem como interlocutores, fornecendo instrumentos de reflexão, ilustrações paradigmáticas, termos de comparação ou de referência, e funcionando como andaimes para a construção de cada um dos textos. Mas a cultura também pode estar presente como objeto direto de investigação, como nos artigos de Rogerio Luz e de

Renata Cromberg. Cultura, repetimos, em sentido amplo, incluindo os paradoxos da experiência sensível e os dilemas da vida social e política, do presente que nos envolve e do qual fazemos parte: estética e ética.

A experiência analítica *faz falar*, de modos muito diferentes uns dos outros. É impossível e indesejável a uniformidade quando se trata de escrever a psicanálise, sobre a psicanálise ou com a psicanálise. Algo na experiência clínica pede elaboração, reflexão, construção; o que torna psicanalítico um escrito não é, porém, a exclusividade explícita do seu tema, nem o enraizamento deste tema, de modo direto, no acontecer clínico. A clínica está presente de muitas maneiras, mais ou menos mediatizadas, quando um analista decide escrever: poder-se-ia dizer que *só com* a clínica não é possível escrever psicanálise, mas *sem* a clínica esta escrita é igualmente impossível. Condição necessária, mas não suficiente, ela está na origem dos efeitos que o escrito analítico produz no leitor. Efeitos que se manifestam pela mobilização, neste leitor, de um dinamismo associativo, reflexivo, apropriador daquilo que leu; dinamismo que oscila entre o processo primário e o secundário, entre a evocação e a crítica racional. Ao cabo deste movimento, fragmentos do lido e do associado a partir dele virão a fazer parte do repertório do leitor, podendo ressurgir do limbo a qualquer momento para compor uma interpretação, um sonho, uma fala, outro texto...

É a esta atividade, que esperamos prazerosa, que convidam - em sua unidade e em sua variedade - os artigos que aqui publicamos.